

Walter Benjamin e a leitura da cidade moderna

Prof. Dr. Antonio Carlos Gaeta

Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Walter Benjamin foi um dos mais importantes associados da “Escola de Frankfurt” e um dos seus principais ensaístas e críticos literários. Sofreu influências importantes das análises marxistas, da psicologia freudiana e da tradição judaica. Viveu em um período conturbado da história da Europa, sob a convulsão de duas guerras e da ascensão de regimes totalitários. Nasceu na Alemanha (Berlim, 1892), de origem judia, e foi vítima das ideologias nazistas anti-semitas. Suicidou-se em 1940, deixando para a humanidade uma obra inacabada e, muitas vezes, enigmática.

Um dos seus mais importantes legados para as ciências humanas é a capacidade de transpor fronteiras, reunindo conhecimentos diversos e produzindo uma importante reflexão sobre a modernidade, vista tanto em seus aspectos libertadores quanto opressores. Também é significativa a sua aproximação entre arte, filosofia e ciência.

Em sua obra se destacam as referências a Paris e a Baudelaire. Para sua principal obra, o Trabalho das Passagens, Benjamin, recolheu dados e formulou apontamentos, reunidos em uma série de notas sobre as “passagens parisienses” (as galerias comerciais envidraçadas) e sobre “Baudelaire”, o poeta, crítico da modernidade e contemporâneo do apogeu de tais feições urbanas. A maior parte dessas notas (“fragmentos”) não foi utilizada em escritos conclusivos. Considera-se que a obra tenha ficado inacabada devido a uma série de fatores, como as resistências dos próprios frankfurtianos (Adorno), as razões políticas que o obrigaram a fugir da Alemanha, o deliberado reordenamento da linha do projeto, ou, ainda, por seu precoce desaparecimento.

Influência da cultura judaica na metodologia

A perspectiva de Walter Benjamin parece conter dois pontos essenciais constitutivos: de um lado, a influência do romantismo alemão, atualizado pelas questões levantadas pelo marxismo e pela crítica frankfurtiana; e, de outro, pela sua inserção na cultura judaica.

Tal cultura judaica, relativa a um mundo judeu da diáspora, mantido ou assimilado aos seus receptores, lutando entre esses extremos, compõe o pensamento de muitos importantes estudiosos que fizeram referência ao urbano, como Simmel (e sua influência sobre a Escola de Chicago) e o próprio Benjamin. No seu escrito “O estrangeiro” Simmel fala do “estrangeiro” como um tipo particular na sociedade urbana moderna, aquele que “chega hoje e não se vai amanhã”, próximo do “vagabundo”, daquele que perdeu todo e qualquer direito a um espaço determinado. Nesse sentido, Simmel retrata o próprio homem moderno. O estrangeiro, o errante, é o homem moderno. Embora participando de um grupo ou grupos “espaciais”, a sua posição está determinada essencialmente “pelo fato de não ter pertencido a ele desde o começo, pelo fato de ter introduzido qualidades que não se originaram nem poderiam se originar no próprio grupo” (1983, p. 182). Simmel foi herdeiro do romantismo alemão, tanto de sua visão conservadora, saudosista de um passado pré-capitalista, quanto de sua visão libertadora, que embalou o nascimento da psicanálise e da fenomenologia. Benjamin levou em consideração Simmel e o cita em seus estudos parisienses.

A cultura judaica, no contexto da primeira metade do século XX, ficou marcada pela exclusão diante das ideologias nacionalistas vorazes na Europa. Em contraste, a presença judaica destaca-se pelo desenraizamento relativo. Nesse medida, as realidades nacionais são contempladas com certo estranhamento.

Curiosamente, esse sentimento de perda __ os dilemas do particular frente a uma realidade que dissolve ou desrespeita qualidades __ e os dilemas de identidade do sujeito em um mundo novo ganharam enorme atualidade nas transformações que marcaram o século XIX e XX, ou seja, o contexto da modernidade.

Nesse sentido, a particularidade da cultura judaica ganha uma nova universalidade salvadora. Não somente a melancolia e a crítica do homem moderno podem contemplar-se nesse ponto de vista. Também a distância, em seu sentido positivo de objetividade, pode ser notada. Benjamin incorpora esses aspectos em suas análises urbanas.

A leitura

A existência de um método, de um parâmetro claro de análise capaz de ser utilizado por outros investigadores, é uma questão em aberto para os que analisam Walter Benjamin. De acordo com alguns estudiosos, as concepções de Benjamin devem ser tratadas menos como método, no sentido rígido, e mais como concepções filosóficas. Afinal, Benjamin não era um “cientista social”, no sentido próprio, isto é, formulador e experimentador de um método de análise. O ensaísta definiria melhor sua escrita.

Mas, ainda que seja esse o caso, Benjamin ilumina a possibilidade de um método inovador de análise da cidade moderna?

Para autores como Joël Lefebvre (1994), as análises de Benjamin apresentam graves distorções e não podem servir de caminho. Já Willie Bolle (2000) identifica particularidades significativas em suas análises. Sérgio Rouanet, Olgária Matos, Jeanne Marie Gagnebin e outros, tendem a afirmar um método.

Segundo Sérgio Paulo Rouanet (1984), Walter Benjamin trabalha com uma clara preocupação metodológica desde os primeiros escritos, em especial *A Origem do Drama Barroco Alemão*. As considerações epistemológicas e metodológicas benjaminianas, presentes na introdução epistemológica daquele trabalho, estariam além da preocupação exclusiva com o drama barroco. Seriam apontamentos sobre teoria do conhecimento e que se prolongariam por todos os escritos benjaminianos. Para Rouanet são considerações significativas que alicerçam a afirmação de um método explícito em Benjamin: “Fazer justiça ao livro de Benjamin significa, antes de mais nada, elucidar o que ele tem de mais enigmático: as considerações epistemológicas e metodológicas que servem de pórtico ao trabalho [...]”. (ROUANET: 1984, p. 12)

O método presente no Drama

Nas considerações introdutórias ao livro sobre o drama barroco alemão, Benjamin expõe um conjunto de idéias que considera fundamental na busca da verdade. Essa temática, segundo diversos autores, não desaparece no seu grande projeto posterior, *O Trabalho das Passagens*.

Benjamin desenvolve considerações a respeito dos fundamentos do conhecimento e sobre orientação de investigação, incluindo questões como o alcance da verdade e o papel das idéias, dos fenômenos e dos conceitos. Nesse sentido, há uma doutrina, embora Rouanet observe que não há um procedimento ordenado de investigação, tal como um método experimental.

A temática de Benjamin põe em evidência dois extremos tradicionais no pensamento filosófico: o universal, as idéias, e o particular, os fenômenos. A questão dos extremos não se reduz, na perspectiva benjaminiana, ao dilema da verdade, filosófico. Compreende igualmente o dilema da individualidade frente à constituição de uma sociedade de massa, que também é um tema sociológico. Os extremos contemplariam ainda o dilema do fragmento urbano diante da grande cidade e dos projetos autoritários avassaladores de reforma urbana, como o de Haussmann. Assim, suas preocupações desdobram-se

em camadas: o particular, a individualidade, os fragmentos urbanos.

Universal e particular na tradição filosófica

O tema é clássico na filosofia. Na Idade Média, a chamada “questão dos universais” teve como suporte o status ontológico dos universais. É interessante aproximar esta polêmica à postura de Walter Benjamin frente à relação entre universais e particulares.

A problemática medieval era se os universais eram corpóreos ou incorpóreos, se estavam separados dos objetos sensíveis ou se neles estavam presentes. Duas grandes posições caracterizaram o debate: a realista e a nominalista. Segundo a posição realista, também chamada de platônica, os universais tem existência real, observando-se que o sentido de real não é, necessariamente, o de coisas corporais ou “situadas no espaço e no tempo. Os universais são anteriores às coisas e permitem o conhecimento dessas particulares. O realismo oscila entre a afirmação da existência exclusiva dos universais, sendo os indivíduos apenas cópias ou exemplos daqueles (realismo absoluto), e a concepção de que tanto os universais como os particulares existem, diferindo-se quanto ao fundamento de sua existência, isto é, na compreensão ou no ser (realismo moderado).

Segundo a posição nominalista, os universais não são reais e sucedem às coisas. Eles resultam de abstrações. O nominalismo varia entre a negação das entidades abstratas e dos conceitos abstratos, porém com a afirmação tanto das entidades concretas como dos termos como concretos (nominalismo absoluto). Para o nominalismo moderado somente as entidades concretas existem.

Pode-se observar no pensamento benjaminiano tanto a existência dos universais quanto a dos particulares. Neste sentido, ele estaria próxima ao realismo moderado. Considera, porém, que ambos estão incompletos sem a presença de um no outro.

Já em termos de teoria do conhecimento, o termo realismo tem sido usado em filosofia em outro sentido, de forma a contrapor-se ao idealismo. O realismo, neste caso, significa que importante no conhecimento é o dado e não o que é colocado pela consciência, pelo sujeito.

Nesse sentido, a posição de Walter Benjamin em “A Origem do Drama Barroco Alemão” estaria mais próxima do idealismo. De fato, nesta obra, Benjamin tem um grande tributo ao filósofo idealista ou formalista Leibniz: e à concepção de mônada (“só as mônadas são reais”). Trata-se da afinidade com tradição platônica, na qual as idéias são reais. A realidade é a forma ou a idéia.

A influência do idealismo moderno, de final do século XIX, do idealismo alemão em particular, faz-se sentir em Walter Benjamin. No pensamento benjaminiano há problemas tratados a partir de formulações idealistas. Embora Benjamin possa estar interessado também nas formulações de suposições acerca da estrutura do real (como o idealismo metafísico), a perspectiva que nos interessa refere-se especificamente às condições do conhecimento (como o idealismo gnosiológico).

Na concepção idealista há uma série de pressupostos. O ponto de partida para a reflexão filosófica é o eu, o sujeito, a consciência, e, não o mundo ao redor, as coisas exteriores, o mundo exterior, o mundo externo. O eu é, fundamentalmente, ideador, representativo. O eu é apropriado para representar, para ser a imagem de, para a reprodução de, para significar, para tornar presente. Em tudo isto há uma grande afinidade com Walter Benjamin de O Origem. É o Benjamin da representação e que em As Passagens trabalhará com o sujeito ideador, produtor de imagens e de significados. Há uma aproximação com o idealismo alemão pós-kantiano, de Fichte e de Schopenhauer, no qual o mundo é equiparado à “representação do mundo”, o que não significa a representação subjetiva e empírica, pois a representação é uma “atividade representante”. Esse “tornar presente” passa a ser uma questão bastante importante na filosofia de Benjamin.

Nessa concepção, o ponto de partida é a representação do mundo e não o mundo, como exemplificam bem os românticos alemães como Heinz Heimsoth, para quem a alma é heterogênea em relação ao

mundo (ao mundo espacial ao menos). Nos idealistas, há um esforço direcionado pela questão “como podem as coisas ser, de modo geral, conhecidas”. Dessa forma, há um pressuposto de declarar “real” o admitido como “cognoscível”. O ser é o “ser dado à consciência”, o “ser conteúdo da consciência”, o “estar contido na consciência, no sujeito, no espírito”.

Essa mesma questão parece surgir em Benjamin como universalidade a ser garantida aos particulares.

A concepção idealista não significa necessariamente reduzir o ser ou a realidade à consciência. Apenas são determinados pela consciência. Não significa dizer que não há outra realidade senão a do sujeito e da consciência. Em Kant, por exemplo, não há a afirmação de que os objetos externos não existem, ou que sua existência é problemática. Afirma-se sim que a existência dos objetos externos não é cognoscível mediante percepção imediata.

Universal e particular no pensamento benjaminiano

Na sua filosofia, como vimos, Walter Benjamin trabalha com a distinção tradicional [ontológica] entre universais (noções genéricas, idéias, entidades abstratas) e particulares (entidades concretas, singulares). Essa mesma perspectiva está presente nas visões românticas, tanto na Alemanha ___ muitas vezes dentro de contextos profundamente etnocêntricos, significando a reação ao universalismo trazido pela Revolução Francesa e afirmando o nacionalismo e o particularismo da alma alemã ___ quanto dentro da própria comunidade judaica do leste ___ significando a defesa do stetl, entre os asquenazitas, frente a uma admitida ameaça de dissolução nos valores não judaicos da sociedade moderna, e a afirmação do particularismo e do qualitativo frente a suposta avalanche homogeneizante da sociedade moderna.

Como é a consideração do particular e do geral na análise de Benjamin, quando confrontada com a tradição filosófica? A preocupação essencial de Benjamin é com o particular. A sua questão é encontrar a universalidade desse particular. No pensamento benjaminiano, o singular é constitutivo de verdades reveladoras do universal, e que devem ser preservadas em sua individualidade. A preocupação com o particular e com o universal é também entendida por Benjamin como uma relação entre o imanente e o transcendente.

O prefácio da obra está dentro de uma preocupação própria da filosofia alemã clássica, com a dedução.

Também essas questões são tratadas em sua obra *A Origem do Drama Barroco Alemão*. Mas além do contexto do barroco alemão, Benjamin traz o tema para sua época, a de entre guerras na Europa e a da ascensão dos totalitarismos. Benjamin atualiza a questão e aproxima os tempos, na medida em que no mundo alemão de ascensão do nazismo e intolerância construía-se um mundo no qual toda perspectiva positiva havia desaparecido.

Partindo dessa premissa, Benjamin associa o desaparecimento da perspectiva positiva a uma fixação num plano radicalmente terrestre, a uma “pura imanência”, à falta de transcendência, a uma condenação. Teríamos um mundo sem esperança, sem transcendência e, portanto, de pura imanência e negatividade.

A preocupação de Benjamin com a não dissolução da individualidade na universalidade traz um aparente paradoxo. Não estaria próxima da visão dos estóicos, dos cínicos, dos megáricos e dos sofistas, para quem a verdade reside “no acontecimento, na superfície”, na horizontalidade dos acontecimentos (Deleuze, apud Garcia-Roza, p.10)? Nesse sentido, Benjamin ___ ainda que apresentando muitas vezes aspectos que o caracterizariam como neoplatônico ___ não se distanciaria do platonismo, na medida em que este tem um eixo de pensamento baseado na verticalidade do conhecimento, tendo como objetivo “atingir as alturas da Idéia, da essência, do inteligível, do Modelo”?

Na verdade, a valorização da verticalidade no platonismo, a “dialética ascendente” ___ remetendo da particularidade sensível à universalidade das essências ___ bem como a preocupação dos pré-socráticos

com o “arché, a substância”, está bem presente na idéia de “superação” benjaminiana.

Tal como no platonismo, Benjamin preocupa-se com a distinção entre realidade e aparência. No platonismo, a questão fundamental não é opor essência e aparência, modelo e cópia. Trata-se de diferenciar cópias e simulacros, “isto é, entre as boas cópias feitas à imagem e semelhança do modelo e os simulacros, entendidos estes últimos como desvios ou dissimilitudes” (Garcia-Roza, p.10). No simulacro há a perversão da cópia [Platão], pois a imagem não tem semelhança em relação ao modelo. Já as cópias são “ícones feitos à semelhança da Idéia”. Não há imitação do modelo pois não guardam frente a este uma relação de exterioridade e sim guardam uma “semelhança interna derivada da própria Idéia” (Garcia-Roza, p.11).

Mas em Benjamin __ em especial em “A Origem do drama barroco alemão” __ uma outra ordem de preocupação importante é encontro entre o universal e o particular. Na resposta benjaminiana, as idéias em si são opacas, obscurecidas. Só serão iluminadas, compreensíveis, se forem circundadas e reconhecidas pelos fenômenos:

“[...] permanecem obscuras, até que os fenômenos as reconheçam e circundem.” (BENJAMIN: 1984, p. 57).

Os fenômenos por si, sem as idéias, dispersam-se, morrem, não alcançam salvação. Sozinhos não podem agrupar-se em unidades significativas. Sozinhos são destruídos pelo pensamento abstrato, generalista. As idéias precisam ser preenchidas pelos fenômenos, pela empiria. Os fenômenos precisam ser guardados pelas idéias. É preciso salvar os particulares e iluminar as idéias.

Desse modo, os caminhos tradicionais do empirismo (que valoriza exclusivamente o singular e se prende ao objeto), do historicismo (que reduz o fenômeno a um meio histórico restrito) e da indução (que ao partir do singular atinge apenas a média) são rejeitados por Benjamin.

De modo mais complexo, em Benjamin afirma-se que a realidade, as coisas, tem uma dimensão universal e uma dimensão particular.

O particular, no entanto, corre risco. Em termos do conhecimento (e há outros termos correlatos), há o risco de se perder quando entregue ao pensamento abstrato. Risco de perder sua particularidade e portanto de ser destruído.

Na aparência o particular, os fenômenos, os objetos, pertencem a uma realidade caótica, sem sentido. Agrupá-los não parece revelar uma realidade significativa. Garantir sua individualidade num agrupamento não garante a descoberta de uma realidade significativa. São disparatados, incongruentes, aparentemente deslocados de uma ordem que talvez pertenceram. A partir desse particular não se chega a uma ordem superior de sentido.

Mas, também a partir de uma ordem harmônica de sentido não se integra esse particular. Esse é o dilema que Benjamin apresenta.

A verdade, a outra configuração ideal, está na própria constituição desse particular, desses objetos, desses fenômenos. Nesse ponto, a ação do sujeito, o seu desejo de verdade é decisivo. Para alcançá-la depende-se de um ponto de vista, de um olhar. Essa perspectiva, esse olhar, atento, crítico, dá-se através de um processo de rememoração. Essa perspectiva, esse olhar, é nostálgico, impiedoso. É a descida ao abismo do mundo dos objetos. Com essa perspectiva os objetos, antes disparatados, encontrarão um ordenamento ideal, a sua verdade perdida. É a salvação do caos, da diluição do particular, do sentido do particular. Por outro lado, esse encontro da verdade perdida significa uma crítica a ordem real presente que se revela como desordem. Assim, há uma necessidade de proximidade entre idéias e fenômenos para preencher o vazio. Nesta contradição, cabe ao filósofo injetar nas idéias a empiria e "salvar os fenômenos, guardando-os no recinto das idéias" (Benjamin, 1984, p. 57).

Crítica ao pensamento benjaminiano

Para Joël Lefebvre, um dos seus críticos recentes e que se centrou na análise da Origem do Drama Barroco Alemão, a perspectiva de Benjamin é problemática na sua própria consideração da relação entre idéias e fenômenos. Segundo esse autor, a teoria de Benjamin talvez possa ser considerada como baseada em um caráter construtivo, na qual as partes não se dissolvem mas revelam uma verdade superior. No entanto, Lefebvre aponta que há um problema: a arbitrariedade da construção. Como evitar que a montagem, a partir de elementos escolhidos __ o que é um outro problema __ não se faça em função de uma concepção pré-estabelecida?

No entanto, podemos dialogar com Lefebvre observando que talvez o autor problematize demais a arbitrariedade, diante da perspectiva em que se coloca: a ciência social. A sua preocupação escondida é com a neutralidade. Ora, para Benjamin essa presença do sujeito __ interferência __ é elemento fundamental, não apenas como método de verdade, mas também como questão da história e da conjuntura histórica em que vivia, marcada pela ameaça ao sujeito, fosse essa “sutil” __ pela ascensão do econômico na vida cotidiana __ fosse essa brutal, pelas violências praticadas pelos totalitarismos de então contra o “frágil ser humano”.

A arbitrariedade de Benjamin é ‘provada’ por Lefebvre através de uma carta do próprio autor (22.12.1924), no qual confessa ter aplicado “a técnica do mosaico a mais extravagante” (Lefebvre: p. 708). Sendo assim, os particulares podem construir qualquer resultado de totalidade.

Para Benjamin, haveria um problema nessa questão? A concepção benjaminiana de verdade não contemplaria justamente uma capacidade infinita de revelação?

A técnica do mosaico, ao contrário do que parece, já significa uma caracterização bem definida. Ela faz uma referência não desprezível aos seus fundamentos formadores que englobam desde a psicanálise freudiana até a tradição judaica. É de grande importância a concepção de mosaico, assim como é de suma importância também a recuperação __ redenção __ dos fragmentos.

A técnica de montagem de Benjamin é bastante impressionante, como se pode observar na composição sobre Paris. Como se sabe, Benjamin deixou para o Trabalho das Passagens um rol enorme de recortes, citações e apontamentos que deveriam ser utilizados na produção definitiva do trabalho. A sua ordenação é tão impressionante que há quem destaque nestes fragmentos __ por si só __ uma revelação de verdade. Os fragmentos, além do valor em si, comporiam uma construção. Joël Lefebvre o reconhece: Benjamin com o seu mosaico de citações revela uma reunião perfeita, um jogo de relações manipulado virtuosamente com um resultado final de aparência de todo sistemático, com um sentido de coerência rigoroso e sem falha (p. 708).

A manipulação benjaminiana dos fragmentos e a sua montagem parecem revelar um sentido altamente sofisticado. O problema no entanto permanece: não seria uma manifestação específica de sua genialidade, sem condição de ser aproveitada para uma abordagem metodológica nas ciências humanas de hoje? Em último caso, somente ficaria evidenciada a particularidade benjaminiana na consideração do singular.

Segundo Lefebvre (p. 709), Benjamin deixou-se levar pelo pessimismo de então, pela literatura moderna niilista e pelo momento alemão de pós-guerra, o que teria influenciado decisivamente seus estudos, como a análise do barroco. Nesse contexto de pessimismo, deveríamos acrescentar o momento do judeu frente ao nazismo e frente à consolidação das nações da qual foi excluído, bem como os primeiros sintomas de descrença na revolução, corrompida pelo totalitarismo na União Soviética.

O método benjaminiano, então, seria datado pelo pessimismo conjuntural, o qual ‘contagiaria’ todas suas análises históricas. Segundo Lefebvre, o anacronismo não era um problema para Benjamin, na

medida em que ele acreditava no princípio anacrônico. Como Benjamin apontava a dimensão da transcendência, as obras não deviam ser compreendidas apenas em seus simples contextos.

Esta não era apenas uma questão teórica para Benjamin. Era uma questão prática: as obras __ inclusive as arquitetônicas e urbanísticas __ são enigmáticas, deixam mensagens para o futuro. Mais ainda: somente em épocas futuras, como a nossa, as obras podem ser integralmente compreendidas.

O particular e a herança Há, em Benjamin, o que se pode chamar de “método da recordação”. Em sua visão de passado há um método. O passado surge como fragmento, como qualidade, como amarra e como forma de análise do presente.

O método da recordação faz-se pela anamnesis ou reminiscência, que é um conceito tradicional na filosofia e utilizado na psicanálise. Em Benjamin tem suas particularidades. Platão, na filosofia clássica, formalizou um conceito de reminiscência, utilizando-se para isso de um “mito” que aparece em seu escrito Menón. De acordo com Platão, a alma é imortal e, portanto, nasceu e renasceu muitas vezes. Assim, já viu de tudo, neste ou em outro mundo, já que toda a natureza é similar. Desta forma, pode, em determinadas circunstâncias, recordar o que sabia antes:

“Já que toda a natureza é similar e a alma aprendeu de tudo, nada impede que recorde qualquer coisa (que é, aliás, o que se chama “aprender”), encontre em si todo o restante se tem valor e não cansa na busca já que buscar e aprender não são mais que reminiscência” [Menon, 80 e 81-E].

O mito monta um “princípio”. Este princípio refere-se à questão do conhecimento. Por esse princípio heurístico, o homem não pode investigar o que sabe, pois seria inútil. Também não pode investigar o que não sabe, pois é impossível investigar quando não se sabe o que investigar.

Posteriormente, outros filósofos deram um destaque maior ou menor à anamnésis, como Croce que a compreende como método. Segundo a sua leitura, o processo de conhecimento histórico é anamnésis, na medida em que o sujeito é o Espírito Absoluto. O que este faz é só recordar ou fazer retornar o que já existe nele. Sendo assim, as fontes da história só tem a função de chamada à recordação.

Em Benjamin, a anamnésis tem uma importância considerável pois há uma questão que envolve a relação com o passado. Essa problemática do passado surge em Benjamin contraposta à modernidade e sua utopia autoritária, a qual vê o futuro como um destino reto de superação contínua de qualidades passadas. Na sua análise, há nesse caminho um atropelo de todo o qualitativo. Por isso, a memória deve ser conservada como forma de manter esperanças irrealizadas do passado.

Para Benjamin, no mundo moderno há o encorajamento da amnésia. Essa amnésia forçada __ esse esquecimento __ transforma-se em recalçamento. O que liquida a memória é “a razão tecnológica e administrativa”. Por trás da ordem aparente há um caos onde o sujeito tende a ser reduzido a “elemento natural”. A referência à perda transforma-se em melancolia, uma certa “prisão” no passado. O não esquecimento passa a se tornar um desafio deliberado à ordem constituída, com a intenção de preservar coisas que de outra forma estariam perdidas.

A relação com o passado significa resistência: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.” [Benjamin, 1985, p. 224, tese 6].

O resgate e redenção do passado surge não somente como uma questão teórica, mas como uma questão prática (para o historiador, por exemplo).

Parte-se do presente em direção ao passado para “arrancar” fragmentos do seu contexto habitual. São fragmentos da obra, da vida e da época, com o objetivo de resgatar o contexto. Mas essa preservação

do contexto deve ser feita “como figura interna, isto é, como uma experiência gravada no íntimo do sujeito” [Bolle, 2000, p.26].

Embora o passado esteja registrado nas obras-imagens, somente o futuro, isto é, esse nosso presente, tem “reveladores” poderosos para “escavar” tais “ clichês”. Portanto, há um escondido que não é só esquecimento, mas que não pode ser lido em sua época. Há um escondido, um sentido misterioso. São “imagens dialéticas” que permitem ascender a um saber arcaico.

A preocupação com as descontinuidades __ temporais e espaciais __ é ponto importante no pensamento benjaminiano. A análise da Paris do século XIX por Benjamin ganha interesse e complexidade por essa presença. Benjamin se interessa pelas descontinuidades do passado presentes no atual. São fragmentos urbanos, “mortos”, no agora. São descontinuidades, fraturas reveladoras. Benjamin encontra nessas descontinuidades __ assim como nas particularidades __ um objeto de atenção. Há nelas uma importância reservada para o presente, ainda que presente homogêneo não as veja.

O particular no urbano

Desse modo, suas análises urbanas são compostas por mundos particulares, aspectos arquitetônicos, pequenos mundos, com seus dramas, seus desejos e sonhos. Benjamin cuida atenciosamente dessas particularidades e condena __ no urbano __ as visões e práticas totalizantes, como as grandes reformas destruidoras e disciplinadoras de Haussmann na Paris do século XIX, marcadas pela ausência de interesse e consideração com as realidades do passado e com as diferentes versões de cidade.

É possível aproximar a escolha de figuras urbanas no trabalho sobre Paris, com as alegorias no trabalho sobre o Drama Barroco Alemão. No entanto, comecemos pelas questões: uma figura, como a galeria, o que significa? É um particular, frente a um urbano em transição, uma sociedade em transição, um sujeito em transição, uma percepção artística em transição. Como esse particular pode ganhar um foro de universalidade? É uma metáfora? Uma alegoria? Uma mônada?

Se entendermos a cidade como texto (escrito pelo homem), as suas particularidades podem ser palavras. Neste sentido, a elas pode ser aplicado tanto a análise do texto e subtexto (como análise semiológica), como a análise do dito e do não dito reveladora do sujeito e dos sujeitos (como a análise psicanalítica).

Nesse sentido, uma metáfora é transporte, por analogia, de um nome, de um atributo ou de uma ação, de um objeto para o outro, a que não é literalmente aplicável. Já uma alegoria, é a representação de uma idéia, por meio de outra que com ela tem relações próximas. A galeria, por exemplo, frente ao urbano, amplo sentido, aparece em Benjamin para representar outra figura urbana? Ou, como idéia para representar outra idéia? Parece que nenhum dos casos. E como mônada? Em Leibniz é um elemento simples e imaterial de que constituídas as ínfimas partes da matéria; uma força simples e irreduzível, contendo em si mesma a fonte de toda a atividade material. Nessa consideração das formas, o autor parece preocupar-se com a questão da transição, da transição linear (junto com fantasma do passado - passado não compreendido), da utopia.

Walter Benjamin trata de fenômenos muito particulares, aparentemente. Assim, quando fala de Paris, está tratando dos cafés, das galerias, dos bulevares. No entanto, o que procura é por uma universalidade para eles e pelo seu testamento. A leitura da cidade moderna (e, no sentido restrito, também escrita) não aparece em Benjamin como uma totalidade. Ele escolhe partes eleitas, pedaços. Mas não são entendidos assim como partes e sim como mônadas. São “indivíduos exemplares”, na perspectiva em que esses revelam uma época. Benjamin trabalha tempo e espaço na transição e como tensões. Mas não os dissocia, isto é, há na perspectiva do espaço, um tempo, um mundo (social, político, econômico, arqueológico, histórico, artístico, técnico).

Considerações finais sobre método benjaminiano e leitura da cidade

A orientação benjaminiana de leitura de cidade aponta para a consideração desse urbano __ estrutura __ enquanto passado perdido. Enquanto passado não compreendido, as morfologias urbanas retornam como fantasma. É a transição linear __ ao enterrar as contradições e os sonhos contidos __ que cria fantasmas do passado.

Deve-se ter em conta que a cidade burguesa não pode ser vista como um todo harmônico, mas como uma organização repleta de fraturas nascidas nas próprias contradições sociais. Há, portanto, um pressuposto crítico à idéia de totalidade, associada à linearidade e à homogeneidade. Por isso, as fraturas são realidades mais verdadeiras que a leitura da cidade como um todo. Benjamin aposta no estudo dos fragmentos

Na Paris de Walter Benjamin, há a escolha de sujeitos particulares e lugares particulares que se associam em suas perspectivas. Os olhares são perspectivas de verdade. Perspectivas particulares, sujeitos determinados, lugares destacados são componentes essenciais na cidade moderna de Walter Benjamin.

Referência Bibliográfica

BENJAMIN, Walter (1984). Origem do Drama Barroco Alemão. São Paulo: Brasiliense.

_____. (1985 [1940]) "Sobre o Conceito de História". In: Obras Escolhidas, volume I _ Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, pp. 222-32.

_____. (2002a [1935]) "Paris, Capitale du XIXe. Siècle". In: Paris, Capitale du XIXe. Siècle. Le Livre des Passages. Paris: Les Éditions du Cerf, 3ª edição, pp. 35-46 .

_____. (2002b [1939]) "Paris, Capitale du XIXe. Siècle". In: Paris, Capitale du XIXe. Siècle. Le Livre des Passages. Paris: Les Éditions du Cerf, 3ª edição, pp. 47-59 .

BOLLE, Willi, (2000 [1994]). Fisiognomia da Metrópole Moderna. Representação da História em Walter Benjamin. São Paulo: Edusp.

deleuze, Gilles (1974). Lógica do sentido. São Paulo: Perspectiva.

garcia-roza Luiz Alfredo (1987). Freud e o inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar.

LEFEBVRE, Joël (1994) "Autour de Walter Benjamin. Origine du Trauerspiel Allemand de Walter Benjamin. Remarques Critiques". XVIIe. Siècle 189 (47): 701-15.

MORA, José Ferrater Mora (1994). Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes.

ROUANET, Sérgio Paulo. (1981) Édipo e o Anjo. Itinerários Freudianos em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro.

_____. (1984) "Apresentação". Em: BENJAMIN, Walter, Origem do Drama Barroco Alemão. São Paulo: Brasiliense.

_____. (1987a) "As Passagens de Paris". In: As Razões do Iluminismo. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1987b) "As galerias do sonho". In: As Razões do Iluminismo. São Paulo: Companhia das Letras.

REMY, Jean e VOYE, Liliane (1976). La Ciudad y la Urbanización. Madrid: Instituto de Estudios de Administracion Local.

SIMMEL, Georg (1983). "O estrangeiro". Em: Georg Simmel: sociologia. São Paulo, Ática.